

**ANTÓNIO MARQUES DE ALMEIDA,
UMA FORMA DE «LEGIBILIDADE DO MUNDO»**

**ANTÓNIO MARQUES DE ALMEIDA, A WAY OF ‘READING
THE WORLD’**

MARIA DE FÁTIMA REIS

Cátedra de Estudos Sefarditas Alberto Benveniste
Centro de História da Faculdade de Letras de Lisboa
Academia Portuguesa da História

Resumen: Recuperando o título sugestivo da obra de Hans Blumenberg, *A legibilidade do Mundo*, considerada por António Marques de Almeida, que bem expressa o seu entendimento da incessante revisão do trabalho historiográfico, lembro o Homem e o Historiador, perspectivando o contributo para os estudos inquisitoriais.

Palabras clave: António Marques de Almeida, historiografia, estudos inquisitoriais.

Abstract: Recalling the suggestive title of Hans Blumenberg's work, *The Legibility of the World*, considered by António Marques de Almeida, which well expresses his understanding of the incessant revision of historiographical work, I remember the Man and the Historian, looking at the contribution to inquisitorial studies.

Keywords: António Marques de Almeida, historiography, inquisitorial studies.

Aceitei prontamente o convite da Professora Elvira Mea para participar nesta sessão evocativa do Professor Doutor António Augusto Marques de Almeida (1935-2017), pelos laços pessoais que me uniram ao homenageado, desde os tempos em que foi meu professor na Faculdade de Letras de Lisboa, em 1979. Digo que visitar Marques de Almeida é lembrar o Homem e a Obra. E isso já o fiz. Primeiro ainda em vida, após a sua jubilação, em 2005, com o livro de estudos em sua homenagem, que coordenei, intitulado *Rumos e Escrita da História. Estudos em Homenagem a A. A. Marques de Almeida*¹. Depois, na sequência do seu falecimento, na Homenagem prestada pela Cátedra Alberto Benveniste, tanto num número da *Newsletter* de 2017, e noutro de 2022, quando divulguei o tratamento arquivístico do fundo sefardita da Biblioteca da Faculdade de Letras de Lisboa, em que está incorporada a sua biblioteca pessoal, doada à Cátedra. Fiz também uma evocação na Homenagem prestada pela Universidade Autónoma de Lisboa, em 2019. Volvidos alguns anos recuperei esta figura com o carinho de sempre. A distância dos anos, característica definidora do trabalho historiográfico, dá-me a tranquilidade da observação e da recordação.

Ultrapassada a emoção do momento que surpreendeu todos nós, vejo agora os laços que estabelecemos ao longo do tempo e o convívio estreito depois da sua jubilação, que me leva à forçosa lembrança do amigo comum, com quem partilhámos serões de conversa, refiro-me ao saudoso Professor Francisco Contente Domingues (1959-2021), a quem, infelizmente, também prestei justa homenagem na Academia de Marinha, no dia 7 de Março de 2023, na passagem do segundo aniversário do seu falecimento. É imperativo agora lembrar o livro que ambos preparámos para oferecer a Marques de Almeida, em 2016, pelo seu aniversário: uma colectânea de estudos por nós seleccionada, que intitulámos *Estudos de História. Finanças e Mentalidades*².

Mas, uma pergunta impõe-se. Porque evocar Marques de Almeida num Simpósio de Estudos Inquisitoriais, quando a sua especialidade de investigação se centrou nos livros de aritmética da época moderna³, e no intercâmbio comercial Lisboa-Antuérpia, nas suas palavras, o «eixo Lisboa-Antuérpia»⁴? Posso claramente afirmar que estes estudos são hoje considerados fundacionais em Portugal do estudo das redes mercantis e do trato de mercadorias, na época moderna, na linha da sugestiva análise de Fernand Braudel (1902-1985), aberta com a obra «Civilização material, economia e capitalismo, séculos XV-XVIII», particularmente no volume, «Os jogos das trocas», de 1979. É precisamente na economia de mercado que Marques de Almeida desvenda traços da diáspora sefardita, seja identificando judeus da diáspora como agentes das trocas ou como proprietários de «livros razão», registos contabilísticos das transacções, que usam o método das partidas dobradas nas contas-correntes.

1 M. F. REIS, (coord.), *Rumos e Escrita da História. Estudos em Homenagem a A. A. Marques de Almeida*, Lisboa, 2006.

2 A. A. MARQUES DE ALMEIDA, *Estudos de História. Finanças e Mentalidades*. Apresentação de Maria de Fátima Reis e Francisco Contente Domingues, Lisboa, Cátedra de Estudos Sefarditas Alberto Benveniste, 2016.

3 A. A. MARQUES DE ALMEIDA, *Aritmética como Descrição do Real (1519-1679). Contributos para a formação da mentalidade moderna em Portugal*, 2 vols., Lisboa, Impr. Nacional-Casa da Moeda, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1994.

4 A. A. MARQUES DE ALMEIDA, *Capitais e capitalistas no comércio da especiaria: o eixo Lisboa-Antuérpia, 1501-1549. Uma aproximação a um estudo de geofinança*, Lisboa, 1993.

Em Luís de Albuquerque encontrara Marques de Almeida o interlocutor privilegiado da matemática para a história, tendo-lhe prestado homenagem no «In Memoriam», da nova série da revista *Clio*, n.º 1, de 1996, «Luís Guilherme Mendonça de Albuquerque (1917-1992)». O sentido maior de realização desta profícua vertente analítica, adentro a temática deste simpósio, encontra-se no livro que coordenou, *Mercadores e Gente de Trato. Dicionário Histórico dos Sefarditas Portugueses* (2009)⁵, em que os fundos documentais da Inquisição, à guarda do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, foram bem considerados, assim dando força à evocação da sua obra neste Simpósio. O entrecruzar de fontes e de perspectivas dão conta da complexidade das teias relacionais entre famílias e comunidades sefarditas no desenvolvimento da vida material entre o século XV e o século XVIII.

São os processos inquisitoriais considerados para alcançar «práticas e representações» de uma época. Utilizo propositadamente estes conceitos, caros a Roger Chartier (1945-), por serem inteiramente operativos na narrativa histórica de Marques de Almeida, que bem insistia neste entendimento do passado como uma forma de ler o mundo, recordando assim a sugestiva proposta de Hans Blumenberg (1920-1996), que dá título à minha comunicação «António Marques de Almeida, uma forma de «legibilidade do Mundo»». Tão-só porque a apropriação do título da obra de Blumenberg, «A Legibilidade do Mundo» (1981), que condensa a ideia do mundo como um livro a ser interpretado, em que o momento da legibilidade significa o momento da cognoscibilidade, expressa a posição historiográfica de Marques de Almeida: o trabalho historiográfico como uma operação relativa e sempre sujeita a incessantes revisões.

Transmitindo este entendimento aos estudantes, as suas aulas eram uma constante abertura à novidade e ao desafio do pensamento. Retenho algumas afirmações profundas e problematizantes sobre a «leitura do real-realidade» feita pelo historiador; este sempre situado num tempo-espaço, com as inerentes contingências e potencialidades, na certeza de toda a inscrição axiológica do saber. Recomendando leituras nas cadeiras de Metodologia da História, diríamos, «fora da caixa», os estudantes eram convidados a ler o «Método» de Edgar Morin (1921-) ou «O Riso da Mulher de Trácia. Uma Pré-História da Teoria» de Hans Blumenberg (1920-1996) ou «Modos de fazer Mundos» de Nelson Goodman (1906-1998). Deixando alguns estudantes umas semanas em perplexidade e sublinhando que o importante era sair da aula com mais dúvidas do que à entrada, não tardaria em apontar razões para as leituras propostas ao evidenciar que o conhecimento histórico é uma forma, entre muitas outras, de construção de «versões-de-mundos».

É neste sentido de uma leitura plural da realidade histórica, mediatizada pelo sujeito-intérprete, numa verdadeira «objectivação participante», na linha de Pierre Bourdieu (1930-2002), que encontramos o recurso de Marques de Almeida às fontes inquisitoriais para o estudo da diáspora sefardita, como sobressai do percurso expositivo do Centro de Interpretação da Cultura Sefardita do Nordeste Transmontano, em Bragança. Equipamento ao qual dedicou os últimos anos de vida, desde o acompanhamento da reconversão do espaço à concepção e narrativa dos painéis e écrans tácteis, este Centro é uma das melhores fixações de Marques de

5 A. A. MARQUES DE ALMEIDA, (coord.), *Mercadores e Gente de Trato. Dicionário Histórico dos Sefarditas Portugueses*, Lisboa, 2009.

Almeida na temática sefardita. Aí se mostra a importância da História sefardita no desenvolvimento económico da região, desde a época medieval, apresentando-se feiras, caminhos e produtos e destacando-se a importância das dinastias financeiras brigantinas na época moderna e os homens de cultura. Por aí passam, em memorial, vultos notáveis de Bragança ou seus descendentes, uns perseguidos e caindo nas malhas da Inquisição e outros seguindo o rumo da diáspora, projectando-se em variados saberes. Dando voz à perseguição e ao medo, aí se exhibe uma encenação de um interrogatório na Inquisição.

Acreditando numa verdade contingente e construída, as fontes inquisitoriais são, diria Marques de Almeida, tão móveis como a compreensão que delas fazemos. O cuidado sempre mostrado por Marques de Almeida, não só como utilizamos os testemunhos históricos para comprovar entendimentos, mas também a própria explicitação das motivações que encontramos nessas fontes, dão-nos a relatividade da interpretação alcançada, na sua característica inteligibilidade e plausibilidade. É na capacidade diversificada de dialogar com as fontes que se concretiza verdadeiramente a crítica histórica e, naturalmente, a compreensão e revisão historiográfica; ou seja, na perspectiva de Marques de Almeida, uma leitura do mundo, tomada, claro está, como questionável. Esta acentuação da incerteza do conhecimento, sem cepticismo, é a posição de Marques de Almeida perante a escrita da História. A sua proposta de teoria e método é, pois, um convite a um exercício permanente de vigilância crítica.

O testemunho que possa aqui dar, do ponto de vista científico, é o de um historiador que, chegando tarde à História, para esta trouxe a sensibilidade da formação económica, num pleno exercício interdisciplinar. O que justifica que a primeira cadeira que leccionou no Departamento de História da Faculdade de Letras de Lisboa, tenha sido «Matemática para as Ciências Sociais e Humanas», então obrigatória no curso de História, que frequentei no ano lectivo 1979-1980. Tempo em que tantos estudantes enveredavam pelas Humanidades para se distanciarem precisamente da Matemática. Conseguia Marques de Almeida provar que a matematização do real se impunha na compreensão histórica nas mais diversas especialidades – da história demográfica à história financeira, da história dos preços à história das mentalidades. Era o tempo de soberania da história quantitativa, cujos desenvolvimentos tecnológicos levaram à alteração de designação da cadeira para «Matemática e Informática aplicada às Ciências Sociais e Humanas»; mas também à própria diversificação metodológica, com destaque para a vertente da análise qualitativa, fornecendo a matemática aspectos de formalização do pensamento que enriqueciam a compreensão histórica.

Mesmo com o primado da construção de modelos em História e da eficácia da axiomatização da linguagem, com a revisão curricular do curso de História e a passagem da cadeira de Matemática para cadeira de opção com a ascensão da paleografia a cadeira obrigatória, não demorou muitos anos até que a opção de Matemática, onde dei também os primeiros passos lectivos, tenha perdido a atractividade estudantil, deixando mesmo de ser oferecida como cadeira de opção. Retenho desse tempo uma aprendizagem teórica e prática, em que muito beneficiei das conversas e lições de Marques de Almeida. Insistindo que não ensinava nada que os estudantes não soubessem, a função do professor era, dizia, encaminhar na descoberta. Esta era afinal a sua maior lição – o apelo ao saber, à pesquisa, à interpretação; sem

pressa, dizia, parafraseando o poeta espanhol, António Machado (Ruiz) (1875-1939), «o caminho faz-se caminhando».

Lembro aqui alguns textos significativos sobre teoria da História: um publicado na revista do Centro de História da Faculdade de Letras de Lisboa, *Clio*, nova série, n.º 5, de 2000, intitulado «A escrita da História: questões de teoria e de problematização», cujos princípios aplicara no estudo *A Matemática no tempo dos descobrimentos*, Lisboa, Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1998; outro artigo também publicado na revista *Clio*, n.º 5, de 1984, «O uso da numeração escrita e falada em fontes documentais portuguesas dos Séculos XVI e XVII»; ainda outro artigo igualmente publicado nessa revista, n.º 2, da nova série, de 1997, «Sobre a história da ciência»; e o estudo «Algumas Questões sobre a Matematização da História: certezas provisórias e equívocos constantes», publicado no livro *Estudos em Homenagem a Jorge Borges de Macedo*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Arqueologia e História da Universidade de Lisboa, 1992.

Dedicado à Universidade, para além da actividade docente e de investigação, em que a Cátedra de Estudos Sefarditas Alberto Benveniste foi um dos seus maiores desafios, que o ocupou durante vinte anos, a passagem pela Reitoria, como vice-reitor, constituiu uma outra vertente de trabalho. A proximidade que sempre mantivemos ao longo dos anos terá sido segura razão para acreditar que eu poderia abraçar o projecto que tanto lhe dizia, a Cátedra Alberto Benveniste. Correspondendo ao desafio, aqui estou hoje a lembrá-lo como fundador e director da Cátedra Alberto Benveniste, da Faculdade de Letras, que posicionou os estudos sefarditas na Universidade de Lisboa e em Portugal, no panorama universitário português.

Bem posso apropriar as palavras do naturalista e matemático francês, Georges-Louis Leclerc, conde de Buffon (1707-1788), proferidas na Academia Real das Ciências de França, em 25 de Agosto de 1753, para aqui caracterizar Marques de Almeida – «o estilo é o próprio homem; o estilo não se pode, portanto, nem transmitir, nem transportar, nem alterar; se ele é elevado, nobre, sublime, o autor será igualmente admirado em todos os tempos; pois apenas a verdade é durável e eterna»⁶.

O estilo de Marques de Almeida é a serenidade, a discrição, a empatia.

A nossa vida tem muito das pessoas com quem nos cruzamos e convivemos e posso dizer que o encontro com Marques de Almeida foi feliz.

6 G. L. LECLERC, CONDE DE BUFFON, «Discurso sobre o estilo», Tradução, introdução e notas: Isabel Coelho Fragelli in *Rapsódia. Almanaque de Filosofia e Arte*, n.º 16, São Paulo, 2022, 201-211, disponível em <https://www.revistas.usp.br/rapsodia/issue/view/12679>.

